



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

DAIANE SILVA LIMA

**ENTRAVES ENTRE ESCOLA E FORMAÇÃO CULTURAL QUILOMBOLA:
UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos,
ALAGOA GRANDE-PB**

**SUMÉ - PB
2024**

DAIANE SILVA LIMA

**ENTRAVES ENTRE ESCOLA E FORMAÇÃO CULTURAL QUILOMBOLA:
UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos,
ALAGOA GRANDE-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Área: ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela.

**SUMÉ - PB
2024**



L732e Lima, Daiane Silva.

Entraves entre escola e formação cultural quilombola: um estudo na Escola Municipal Firmo Santino da Silva da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB. / Daiane Silva Lima. - 2024.

46 f.

Orientadora: Professora Dra. Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Educação quilombola. 2. Formação cultural quilombola. 3. Formação de professores. 4. Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. 5. Escola Municipal Firmo Santino da Silva. 6. Questões étnico-raciais. 7. Alagoa Grande - PB - Caiana dos Crioulos. I. Estrela, Karla Alexandra Dantas Freitas. II Título.

CDU: 37.018(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

DAIANE SILVA LIMA

**ENTRAVES ENTRE ESCOLA E FORMAÇÃO CULTURAL QUILOMBOLA:
UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA CAIANA DOS CRIoulos,
ALAGOA GRANDE-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela.
Orientadora – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Aldinete Silvino de Lima.
Examinadora I – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professora Ma. Marinalva Valdevino dos Santos.
Examinador II – UAEDUC/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 17 de maio de 2024.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, ele o Criador de todas as coisas, por me proporcionar força e determinação para concluir mais uma etapa.

A minha mãe Maria de Fátima Silva Lima, por sempre me apoiar e me incentivar, mesmo com as dificuldades encontradas durante meu percurso, fazendo o que estava ao seu alcance para minha permanência no curso; ao meu pai Severino Pereira de Lima, que mesmo com suas poucas palavras, compreendia minha ausência e me transmitia tranquilidade.

Aos meus irmãos, Railson Matheus Silva Lima; Severino Pereira de Lima Filho; José Silva Lima, pelo apoio, por acreditar em meu potencial, de modo especial, agradeço a minha irmã Raiane Silva Lima, pelos momentos de descontração em meio ao caos, que acreditou em minha capacidade de resistir às adversidades da vida, por tamanho amor e cuidado. A minha família de um modo geral, pelas contribuições nesse processo, a minha avó materna Francisca Belisia da Silva, pois sempre que o desânimo chegava, era no aconchego de seu abraço que encontrava forças para seguir firme, ao meu avô paterno José Pereira de Lima Irmão (em memória), lembro-me que se orgulhava muito de minha trajetória, só lamento por não ter o privilégio de lhe apresentar meu diploma, mas onde estiver sei que se orgulha do que eu conquistei;

A todos os meus amigos e amigas, que contribuíram de alguma forma nesse processo, de modo especial a Edilene de Oliveira Nascimento, Ednalva Josefa da Silva Nascimento Santos e Maria Simone da Silva Santino, pela força durante essa caminhada, sempre juntas, compartilhando momentos, uma dando força para outra, não deixando o desânimo tomar conta. Ao meu grande amigo, Felipe Oliveira da Silva, por seu ombro amigo nos momentos difíceis, por sempre me ouvir e me entender. Ao Professor Rafael Rodrigues, pelo apoio e incentivo.

Ao meu noivo Jonathan do Amaral Silva, pelas vezes em que precisei de uma palavra motivadora, por compreender minhas idas e vindas, por me acompanhar nos trabalhos desenvolvidos em meu campo de estudo, agradeço por todo apoio.

A minha orientadora Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela, uma pessoa incrível, de uma sensibilidade e paciência admirável, me fazendo enxergar do que sou capaz de desenvolver.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, pelo acolhimento, na pessoa de Manuel Irineu (gestor) e Marinélia do Nascimento (adjunta), aos professores que contribuíram significativamente para que minha pesquisa se realizasse.

De modo geral sou grata por cada pessoa que contribuiu para que esse momento se tornasse realidade, só gratidão.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo geral, compreender como a história e cultura de uma comunidade quilombola é trabalhada dentro da escola situada em seu território. Para nos auxiliar no percurso, traçamos como objetivos específicos os seguintes pontos: analisar como se dá o ensino da cultura e da história de uma comunidade descendente quilombola na escola local e comparar como acontece a prática pedagógica de professores quilombolas e não quilombolas que atuam numa escola localizada num território remanescente de quilombo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Trabalhamos conceito de cultura com Diana (2012), Educação Escolar Quilombola por Brasil (2021) e formação de professores com Lima (2021). Nos baseamos também nas Diretrizes Curriculares Nacionais relacionado às questões étnico-raciais. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Firmo Santino da Silva, situada na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, no município de Alagoa Grande-PB. Foram entrevistados 3 professores, um do ensino infantil, um do ensino fundamental I e outro do ensino fundamental II da educação básica, dois quilombolas e um não quilombola. Mediante às análises, percebemos a importância da valorização da cultura no ambiente escolar, bem como a necessidade de uma formação adequada para os professores que dela participam, visando um processo educacional mais efetivo voltado às questões étnico-raciais e às questões quilombolas.

Palavras chaves: Educação quilombola; Formação cultural; Formação de professores.

ABSTRACT

This work had the general objective of understanding how the history and culture of a quilombola community is worked within the school located in its territory. To help us along the way, we set out the following points as specific objectives: to analyze how the culture and history of a remaining quilombola community is taught in the local school and to compare how the pedagogical practice of quilombola and non-quilombola teachers who work in a school takes place. located in a remaining quilombo territory. This is qualitative research. We worked on the concept of culture with Diana (2012), Quilombola School Education for Brazil (2021) and teacher training with Lima (2021). We are also based on the National Curricular Guidelines related to ethnic-racial issues. The research was carried out at the Firmo Santino da Silva Municipal School, located in the quilombola community Caiana dos Crioulos, in the municipality of Alagoa Grande-PB. Three teachers were interviewed, one from early childhood education, one from elementary school I and another from elementary school II in basic education, two quilombolas and one non-quilombola. Through the analyses, we realized the importance of valuing culture in the school environment, as well as the need for adequate training for the teachers who participate in it, aiming for a more effective educational process focused on ethnic-racial and quilombola issues.

Keywords: Quilombola education; Cultural training; Teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista aérea da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.....	13
Figura 2 -	E.M.E.I.E.F. Firmo Santino da Silva.....	15
Figura 3 -	Matéria presente no livro didático, falando da comunidade quilombola...	29
Figura 4 -	Vista da Pedra do Reino Encantado.....	37
Figura 5 -	Gravuras rupestres na Pedra do Reino Encantado.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS.....	12
2.1	OBJETIVO GERAL.....	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1	QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos.....	13
3.2	CONCEITO DE CULTURA.....	16
3.3	QUAL O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS?.....	18
4	METODOLOGIA.....	20
5	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICE.....	45

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, objetiva refletir sobre como a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva valoriza e apresenta a história e o processo da construção identitária da comunidade Caiana dos Crioulos, localizada em Alagoa Grande-PB.

O interesse por essa pesquisa surgiu da minha experiência na comunidade, partindo do meu lugar de origem. Pertencço à comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, lugar onde nasci e fui criada. Literalmente nasci no quilombo, de um parto realizado com o auxílio da minha vó paterna, Maria das Dôres Silva, a quem são dados os títulos de mãe, avó e madrinha de umbigo, conforme nossa tradição.

Antigamente os partos realizados pelas pessoas mais experientes da comunidade eram bastante comuns, mas com a chegada de outras formas de procedimentos e os avanços na medicina, foi se perdendo essa prática na comunidade. As mulheres, hoje em dia, recorrem ao hospital e lá é feito todo o procedimento.

Com relação a educação, o que me motivou a pesquisar a respeito da educação quilombola, foi o fato de não ter presenciado e vivenciado no ambiente escolar, as práticas no que diz respeito à cultura local, quando estudante da escola Firmo Santino e, particularmente, isso afetou em minha formação acadêmica, pois só fui me dá conta da importância do meu povo na construção do país, muito tempo depois.

O contato, de forma mais intensa com a história do meu povo negro, se deu no ensino superior, onde debatemos sobre a questão desde a colonização até os tempos atuais. Fui instigada a conhecer autores negros, coisa que eu ainda não havia tido e foi uma descoberta maravilhosa.

Além disso, pretendemos compreender as práticas pedagógicas de professores quilombolas e não quilombolas, visando a valorização cultural do território em que a escola está inserida.

É inegável que as comunidades descendentes quilombolas, nascem em um espaço territorial de muita resistência e luta, de um povo que batalha diariamente para manter vivas as culturas e tradições deixadas pelos antepassados, que precisam e devem ser levadas em conta, porque se referem a história de um povo.

Neste sentido, podemos destacar que a escola tem um papel importante para a perpetuação de um legado histórico e cultural, sobretudo quando diz respeito a uma comunidade descendente quilombola, onde a própria existência é persistência. Por isso a necessidade de o

ensino acontecer de forma adaptada e voltada para as questões étnico-racial, conforme a lei de nº 10.639/2003, que estabelece as diretrizes da educação nacional, com o objetivo de incluir em seu currículo, a obrigatoriedade da história e cultura Afro-brasileiras, nas instituições de ensino fundamental e médio. E o Parecer CNE nº 3, de 10 de março de 2004, acrescenta que:

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação étnico-racial e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, onde são estabelecidas orientações de conteúdos a serem incluídos e trabalhados e também as necessárias modificações nos currículos escolares, em todos os níveis e modalidades de ensino. (Brasil, 2004, p.11).

Esses documentos sinalizam o quão é significativo o ensino deve ser de acordo com as necessidades do local em que se está trabalhando, respeitando a subjetividade desses sujeitos quilombolas. Mas, o fator que causa preocupação é a garantia da efetivação dessa lei na realidade do ambiente escolar, ou seja, a certeza de que forma as relações étnico-raciais e as questões quilombolas estão sendo abordadas, e se realmente os profissionais da educação cumpre o que se é posto nas diretrizes, e se o ministério da educação contribue com materiais necessários para as atividades desenvolvidas nas escolas, de modo particular na escola Firmo Santino da Silva.

A questão da história Afro-brasileira não deve ser abordada apenas em datas, como o 20 de novembro, que diz respeito à consciência negra, essa temática deve ser levantada porque sabemos que existe o racismo. Preconceito, ainda é bastante presente em nossa sociedade, mas através de uma educação que enxergue as questões étnico-raciais, que seja trabalhado de forma a contribuir com o objetivo da lei 10.639/2003, valorizando a cultura afro-brasileira, mostrando o quanto os negros foram e são importantes na formação do nosso país.

É relevante compreender como se dá o ensino aprendizagem em uma comunidade descendente quilombola, salientando que dificilmente os professores atuantes nestas escolas são moradores do território e, portanto, se faz necessário a estes conhecer o quilombo como um todo. A cultura é algo que mostra muito da identidade de uma população, bem como sua forma de viver, o que pode fortalecer e orientar como o trabalho pode ser desenvolvido de forma a atender os interesses da comunidade. Assim, é relevante investigar como estes professores dialogam com a comunidade, valorizam e problematizam questões sociais, culturais e históricas deste local, relacionando a vida em comunidade e o ambiente escolar, fornecendo assim um ensino significativo.

Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa através de um estudo comparativo, entre professores quilombolas e não quilombolas, observando as práticas pedagógicas dos mesmos. Assim entrevistamos 03 professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, 01 quilombola e 02 não quilombolas, afim de compreender a relação entre escola x comunidade, sobre a valorização e construção identitária da nossa comunidade quilombola, através do olhar e do local de fala dos docentes.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como a história e cultura da comunidade Caiana dos Crioulos é abordada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como se dá o ensino da cultura e da história de uma comunidade descendente quilombola na escola local.
- Comparar como acontece a prática pedagógica de professores quilombolas e não quilombolas que atuam numa escola localizada num território descendente de quilombo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos

Caiana dos Crioulos é uma comunidade quilombola que está localizada na zona rural do município de Alagoa Grande-PB, mais especificamente a 13km da cidade, e foi reconhecida como comunidade descendente quilombola no ano de 2005, pela Fundação Cultural Palmares.

Figura 1 - Vista aérea da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos



(Fonte: Arquivo de Luciene Tavares, 2021.)

A origem da comunidade não se sabe ao certo, o que temos são supostas versões.

1ª hipótese: Foi levantada pelo historiador José Avelar Freire e consiste na ideia de que os primeiros a chegar ao local, durante o século XVIII, fugindo da região de Mamanguape, após uma rebelião ocorrida depois do desembarque de um navio que aportou na Baía da Traição. (Aires, 2022, p.40)

2º hipótese: Apresentada pelo historiador Celso Matriz, relacionava as origens da Caiana, à Emancipadora Areiense, devido um movimento abolicionista da cidade de Areia-PB, que libertou seus escravos antes da Lei Áurea de 1888. (Aires, 2022, p.40)

3º hipótese: Que aparece no Primeiro Relatório Antropológica aponta que os primeiros negros a habitarem o atual território de Caiana haviam fugido do Quilombo dos Palmares, após

o massacre que culminou no assassinato de Zumbi, em 20 de novembro de 1695. (Aires, 2022, p.40).

4º hipótese: Relatada pelo fazendeiro João de Arruda Câmara à antropóloga Ester Fortes durante a construção do segundo Relatório Antropológico, afirma que a Comunidade de Caiana descendia de ex-escravizados do seu avô Eufrásio de Arruda Câmara que teria, inclusive, cedido as terras hoje ocupadas pelas famílias de Caiana. (Aires, 2022, p.41).

5º hipótese: Segundo seu João Téo, morador da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, com seus 85 anos no ano de 2010, relatava que os moradores são descendentes de uma gente que veio da região do Cariri. (Aires, 2022, p.41).

Sobre essa 5ª hipótese, é preciso que se faça uma análise de maneira particular, pois é um relato de uma pessoa da comunidade. Como bem sabemos o nosso país é bastante diversificado, e por isso, podemos pensar na possibilidade da relação entre os povos negros e os povos indígenas do Cariri, levando-nos a pensar que é muito possível que, de fato, alguns indígenas vindos do Cariri paraibano podem ter ajudado a criar nosso quilombo. Ambos povos sofreram com o processo de escravização, assim é possível pensar uma relação entre eles.

A interação e contato entre grupos indígenas e os africanos de diáspora é um dos aspectos menos estudados e compreendidos da história das Américas. O pouco que sabemos reflete, ainda, os interesses do regime colonial. Consequentemente, o que os negros e indígenas pensaram, uns sobre os outros, é particularmente difícil de desvendar, já que a documentação sobre o relacionamento mútuo é esparsa, e sempre filtrada pelo olhar atento dos colonizadores. (Schwartz, 2003, p.14).

Estamos apontando sugestões do que pode ter ocorrido, com esses dois povos, da possibilidade da união deles em prol de uma libertação. Pode ser que eles tenham lutado juntos por essa liberdade, o que seria mais possibilidade do que especulação.

Na Caiana dos Crioulos vivem cerca de 98 famílias, das quais a principal fonte de sobrevivência é a agricultura como cultura ancestral, onde são cultivados: milho, feijão, fava, mandioca, entre outros.

Essa cultura é bastante específica de cada região e vai variando de acordo com as tradições, em que esses alimentos ao serem recolhidos, não são exclusivamente para a venda, mas para o consumo familiar, e a quantidade que excede, essa sim pode ser vendida, mas a prioridade é a garantia de comida na mesa.

A comunidade tenta manter as tradições através das manifestações culturais como o coco de roda, a ciranda, a capoeira e a dança afro com o grupo *Cor da terra*.

Quanto às organizações sociais e culturais da Caiana, é importante destacar que as lideranças são, em sua maioria, representadas por mulheres, bastante atuantes, que trabalham para a preservação da cultura. Dentre as organizações, temos a *Associação dos moradores do Quilombo Caiana dos Crioulos*, local onde são discutidas questões de melhorias para a comunidade, e a *Organização de Mulheres Negras de Caiana*, espaço de discussão sobre o empoderamento feminino, abordando questões de saúde, racismo, beleza, entre outras coisas relevantes para ressaltar ainda mais a força feminina.

A comunidade conta com apenas uma unidade de ensino, a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, inaugurada em 27 de março de 2001. Atualmente, funciona em dois turnos atendendo da educação infantil aos anos finais do fundamental. Recebe alunos oriundos das comunidades vizinhas, como Caiana do Agreste, Sapé de Julião, Paquevira, Serra do Balde e ainda atende estudantes de outras comunidades de cidades circunvizinhas.

Figura 2 - E.M.E.I.E.F. Firmo Santino da Silva



A implantação da escola foi muito significativa para a comunidade. Dispor de uma estrutura adequada para melhor atender seus estudantes trouxe esperança de garantir um ensino de qualidade para crianças e jovens da comunidade em si, e das demais que são inseridas nesse contexto.

A escola recebeu o nome de Firmo Santino da Silva, por este ter sido um grande líder e tocador de pífano da comunidade que doou o terreno, para que a instituição fosse construída. Essa homenagem foi muito significativa para a comunidade, por ser uma forma de não deixar morrer a figura forte que foi Firmo Santino. Pois muitas escolas espalhadas pelo mundo a fora, levam o nome de exploradores, donos de escravizados, grandes proprietários de terras, e ter essa referência na comunidade é de suma importância para manter viva a história desse povo.

3.2 CONCEITO DE CULTURA

O conceito de cultura, para um melhor entendimento do conteúdo a ser trabalhado nessa presente pesquisa, de maneira bem sucinta, está descrita da seguinte forma na fala de Daniela Diana:

Cultura é um conceito amplo que representa o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social. Ela é repassada através da comunicação ou imitação às gerações seguintes. (Diana, 2012)¹

Com isso vale destacar o quão a comunidade quilombola é rica de cultura, pois dispõem desse patrimônio para o desenvolvimento da mesma como um todo. Esses apreços não podem ser deixados de lado, por isso a importância de se preservar, para que toda essa cultura histórica, não venha a se perder com o passar do tempo.

É preocupante a possibilidade de cair no esquecimento todo aparato histórico e cultural do nosso território, por toda a potencialidade que a comunidade em si possui.

A constituição brasileira de 1988 abriu caminho para o desenvolvimento de políticas de reparação em relação à escravidão africana no Brasil. Dentre elas, destacam-se a possibilidade de titulação coletiva de terras a comunidades negras tradicionais reconhecidas como "remanescentes de quilombos" ao reconhecimento oficial de patrimônios imateriais relativos à herança de populações escravizadas (Mattos; Abreu, 2009, p. 01).

O processo histórico dos povos negros em nosso país pressupõe que há uma dívida imensa com essa população, pela desumanidade implicada, a desapropriação de sua cultura e seus costumes de origem, mas também é inegável o quanto é difícil de se reparar, por não ter como quantificar o quanto esse povo negro perdeu a partir da chegada ao Brasil.

¹ Documento não paginado

Mas, a partir dessas inúmeras injustiças e ações violentas contra o povo negro que surgiram os movimentos negros, que buscam melhorias para que, de alguma forma, esse dano venha a ser amenizado.

De fato, a história do movimento negro é de resistência e de lutas travadas durante todo o período da escravidão, indo da resistência individual às insurreições urbanas e aos quilombos. (Bento, 2022, p.28).

A partir das várias reivindicações, algumas políticas públicas foram implementadas, como as cotas raciais e cotas de trabalho, que possibilitam o acesso das pessoas negras, ter assim o direito de acesso às universidades públicas. Concedendo a oportunidade da história ser contada pelos próprios povos negros, não aquelas histórias relatadas nos livros didáticos, que trazia a imagem da princesinha branca, libertando as pessoas escravizadas, a partir de um decreto, sendo vista como heroína. Mas ressaltando as condições em que esses negros foram libertos, uma liberdade sem possibilidade de trabalho e meios para garantir sua subsistência. Muitas vezes os conteúdos presentes nos livros didáticos, não trazem questões para oportunizar os estudantes a refletir, problematizar, questionar, para que os mesmos a partir disso, possam reformular e debater de forma consciente sobre a verdadeira história.

Por essas questões apontadas anteriormente que se faz necessária a história ser introduzida desde cedo no contexto escolar, a valorização cultural, com relação a esse apontamento, Paulo Freire afirma que:

Estudar o passado é fundamental para trazer à "memória de nosso corpo consciente" o motivo de muitos acontecimentos do presente, para não os repetir, ao mesmo tempo em que se vai além das marcas deixadas. (Freire, 2000, p.75).

Dessa forma é importante, de se fazer essa ligação entre escola-comunidade, pois ambos estão relacionados. Sabemos que a cultura desempenha um papel de alta relevância na vida de um cidadão, pois quando desenvolvida de maneira devida, irá contribuir com a formação do sujeito, de um indivíduo que respeite a diversidade existente em nosso país.

Falar desses conhecimentos no ambiente escolar se faz importante, destacando o que os estudantes sabem sobre o assunto pois, segundo Paulo Freire, ao sermos introduzidos nesse universo escolar, já carregamos uma bagagem com bastante coisa nela, todos nós temos um conhecimento, experiências vividas com os familiares e com a comunidade.

3.3 QUAL O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS?

A importância da tradição adquirida de forma perpétua é algo transmitido ancestralmente, analisando essa ligação entre os saberes teóricos e as experiências orais vivenciadas pelos antepassados, compreendendo o quão relevante é para a comunidade. Nascer em um quilombo, é nascer em um espaço já formado com histórias, culturas, tradições e costumes. Aos poucos, os pais vão ensinando e conduzindo aquela criança, ensinando a respeitar as pessoas e a atribuir valores ao que se vivencia em comunidade.

Vivemos em uma sociedade diversificada onde, infelizmente, acontece o preconceito com relação a determinadas culturas, então desde cedo essas crianças precisam ter consciência de sua ancestralidade, a mesma precisa ser fortalecida, compreendendo que exista culturas diferentes pelo mundo, e que cada uma é importante, pois a cultura fala muito sobre a história de um povo.

Na comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, a participação das crianças nas rodas de ciranda e coco de roda é bastante presente, sendo um divertimento para elas, ainda que, por serem muito jovens, não tem noção do quanto essa valorização representa para a comunidade em si. As crianças iniciam nessa caminhada desde o ventre e, ao nascer, continuam na caminhada, já nasce com a ciranda nos pés e carrega a história de todo um povo que lutou para que tivéssemos o direito de manifestar nossa cultura de maneira livre.

De acordo com as diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, do ano de 2012:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica Brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (Brasil, 2012, p.42)

A educação para as relações étnico-racial, trata da inclusão da história e cultura dos mais diversos grupos étnicos no currículo escolar, tendo em vista a cultura do ambiente em que se está localizada a escola. Mas também não se pode restringir a educação quilombola, na

perspectiva de abordar tão somente o aspecto cultural, pois a formação de um cidadão se dá, tanto culturalmente, quanto socialmente no convívio com as pessoas.

Trabalhar o processo histórico de uma comunidade pode ser um assunto muito complexo para uma criança entender, mas pode ser trabalhado de forma adaptada para eles, destacando as vivências da comunidade, bem como das lutas travadas pelos antepassados para futuras melhorias, que muitos nem conseguiram alcançar, por isso a importância de contar as histórias dessas pessoas guerreiras, que possibilitaram todas as vitórias alcançadas até hoje.

Sendo assim, de acordo com as diretrizes, no que diz respeito às questões étnico-raciais, é preciso uma formação de professores nas áreas específicas, coisa que sabemos não acontecer na realidade da Caiana dos Crioulos. Na verdade, a maioria dos professores atuantes na escola Firmo Santino advêm da região de cidade, muitas vezes não tem conhecimento da história da comunidade onde trabalham e nem tem formação adequada de como proceder com os estudantes quilombolas, esse ponto acaba dificultando consideravelmente os conteúdos a serem trabalhados de forma contextualizada, visando as vivências dos alunos.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como os professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, no município de Alagoa Grande-PB, entendem a necessidade de abordar a história e cultura desta comunidade, problematizando a questão quilombola de maneira eficiente, possibilitando um diálogo com os estudantes através de suas vivências promovendo uma educação significativa para os discentes matriculados na escola inserida em seu território.

Para tanto fizemos uma investigação de cunho qualitativo em que realizamos entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE 1), com 3 professores atuantes na escola já citada, sendo dois quilombolas e um não quilombola.

Segundo aponta Minayo, a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. (Minayo, 2014).

Este tipo de pesquisa tem seu foco em questões que não dizem respeito à quantificar as informações durante o processo da pesquisa, e sim, buscar compreender os fenômenos presentes na área a ser trabalhada, para isso o pesquisador precisa do contato direto com seu campo de pesquisa, ele não deve centralizar sua pesquisa em trabalhos que já foram realizados nessa mesma área, o pesquisador primeiramente traça o que pretende compreender e, após, vai em busca das respostas, posteriormente às análises, vai em busca de fundamentações teóricas que possam confirmar ou negar o que foi descoberto no campo de pesquisa.

Os sujeitos da nossa amostragem foram professores atuantes na escola local, com o objetivo de compreender como se dá o processo de ensino e valorização de conteúdos étnico raciais na escola, considerando o que diz a lei 10.639/2003, analisando a práticas pedagógicas utilizadas por professores quilombolas e não quilombolas, procurando identificar as dificuldades encontradas nesse processo de formação do sujeito.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Esta pesquisa foi realizada em 4 etapas: o primeiro momento aconteceu no mês de dezembro de 2023, quando fomos à escola para saber a disponibilidade dos professores para conceder as entrevistas, e nossa visita coincidiu com um evento interno da escola em que todas as turmas estavam participando e recebiam a visita de alguns representantes da educação.

O segundo momento aconteceu em 8 de dezembro de 2023, quando conseguimos realizar a primeira entrevista, a mesma se deu no âmbito escolar. Que foi realizada com um professor negro, que reside no quilombo, atua na escola há 6 meses. Dentro das aulas ele também desenvolve o canto, o batuque e muitas histórias. E em seu relato, ele traz, que leva tudo isso para ser inserido em sala de aula, para que os estudantes possam conhecer através de ações e histórias, um pouco de nossa cultura.

Etapa 3, foi realizada a segunda entrevista em 15 de dezembro 2023. Essa entrevista foi realizada nas férias de dezembro, por causa disso, combinamos com a professora e realizamos a entrevista na residência dela, localizada na região da cidade, em Alagoa Grande-PB, município da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos. Foi realizada por uma mulher negra, não quilombola, que atua na comunidade há 24 anos, a mesma reside na região de cidade, no caso, da cidade de Alagoa Grande-PB. Tem uma vivência com as pessoas da Comunidade. Está bem inserida nas práticas vivenciadas por seus educandos, ela desenvolve um trabalho muito importante que é trazer a questão da representatividade, em especial, às crianças, aqueles que irão continuar o legado deixado pelos ancestrais, tendo a responsabilidade de não deixar morrer a cultura local, que é de uma riqueza imensa.

Etapa 4, foi realizada em 22 de fevereiro de 2024. Essa entrevista foi realizada na volta das férias, fomos a escola saber da disponibilidade da professora em questão, levamos o questionário, após falarmos com ela, optamos por entregar o questionário e ela respondeu via *WhatsApp*, através de áudios. Foi realizado por uma mulher branca, não quilombola, atuando na comunidade há 18 anos. A mesma reside em região de cidade, na cidade de Alagoa Grande-PB. Engajada nas questões étnico-raciais, desenvolvendo ações em conjunto com a escola e individualmente em classe, buscando informar os estudantes em questão das leis, bem como conhecendo seus direitos e deveres.

A educação quilombola é uma questão que requer uma responsabilidade do governo, buscando colocar em prática as leis voltadas para esse ensino, mas como bem sabemos, muitas vezes os professores, bem como todo corpo escolar, não têm as ferramentas necessárias para

que de fato, essas leis sejam realmente efetivadas na prática pedagógica de uma comunidade quilombola.

Inicialmente perguntamos aos entrevistados se a sua formação acadêmica original, oportunizou um preparo para atuar numa escola quilombola.

Não posso dizer que sim, pois a formação não proporcionou isso, o próprio professor vai ter que desenvolver as habilidades para atuar na educação quilombola, não se vem pronto da universidade, embora tenha, alguns pré-requisitos, mas o professor em sua maioria, precisa ir em busca de conhecimento sobre a educação quilombola. (Professor 1)

Na verdade, não, porque não existe um curso, pelo menos aqui não temos essa disponibilidade, o que ajudou foi ter feito o Magistério, que na época era a antiga Escola Normal. Na pedagogia a parte relacionada a quilombolas é bem restrita dessa forma é preciso estar sempre buscando, pesquisando, procurando outras fontes. (Professor 2)

A minha formação acadêmica original, ela não preparou para atuar em uma escola quilombola. (Professor 3)

Na maioria dos cursos de licenciaturas disponíveis em nosso país, não existe essa disponibilidade em relação a uma formação quilombola, não há essa abrangência, caso tenha, é visto resumidamente. Sendo assim cabe aos professores, ir em busca de abranger essa temática, no dia a dia. Essa formação seria relevante, pois formamos professores para atuarem em diversas áreas e localidades de nosso país, não se sabe onde vamos atuar, dessa forma se faz necessária na formação acadêmica, voltada para a diversidade cultural existentes em nosso país, visando assim a preparação para atuarmos nos níveis e modalidades possíveis de atuação em nossa profissão.

Mas, infelizmente, ainda falta muito para que essa temática seja implementada, mesmo sabendo que nosso país dispõe de vários quilombos espalhados por esse território diversificado, e logicamente é preciso que se fortaleçam enquanto comunidades quilombolas, fazendo parte da formação também. Sabemos bem das dificuldades enfrentadas por essas comunidades, que buscam reconhecimento, visibilidade, vez e voz. A resistência também depende da forma como nossos estudantes quilombolas estão recebendo sua formação: se estão sendo estimulados a ir em busca de seus direitos, se estão sendo respeitadas suas vivências enquanto comunidade. Todas essas questões étnico-raciais, a formação que o professor recebe deve ser levada em

conta, ao analisarmos essa questão. Pois, de nada adianta culpabilizá-los por essa deficiência em sua formação acadêmica, pois não é responsabilidade deles esse tipo de adaptação em sua formação, é responsabilidade daqueles que realizam a institucionalização das diretrizes que regem os cursos de formação não contempla áreas de conhecimento que vislumbrem temas diversos como a questão quilombola e étnico-racial.

Reconhecemos o esforço que cada professor se dispõe a enfrentar para conseguir, pelo menos, dar um suporte, e não deixar a educação quilombola tão vulnerável.

Em seguida perguntamos se os professores conheciam a lei 10.639/2003 e se sabiam do que ela trata.

Tenho conhecimento da lei, que se torna obrigatório, a questão da história quilombola, a questão da história africana, na didática e no corpo escolar, isso já é bastante prático aqui no quilombo, pois vivenciamos isso a cada momento a cada dia, a cada vivência na escola, então isso se tornou muito prático para a gente da comunidade quilombola, para o corpo docente da escola. (Professor 1).

Conheço sim. Trabalhamos a diversidade cultural nas escolas. Infelizmente precisou da lei para legalizar, para obrigar, a obrigatoriedade do estudo, mas até, por ser uma comunidade quilombola, sempre foi trabalhado e não só na época em que se comemora a Consciência Negra, mas esse trabalho é desenvolvido o ano inteiro, com histórias, a história do próprio povo, que é o mais importante de se conhecer, se aceitar. Pois tem crianças que se trabalha super bem essas questões, mas tem umas que já apresenta um comportamento de não aceitação dessa identidade, como se ouvisse alguém falar sobre. Percebe-se que isso não é da criança, porque ninguém nasce dessa maneira. (Professor 2).

Conheço a lei sim. E se trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do país. (Professor 3).

Ao analisar as respostas de cada um, é perceptível o conhecimento deles com relação a lei 10.639/2003, que tem por objetivo a implementação da lei de forma obrigatória em todas as escolas do país.

Lei 10.639/2003- Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. (Brasil, 2003).

Infelizmente foi preciso uma lei para que essa temática ganhasse visibilidade, com um alcance em todos os níveis de ensino, pois assim como estudamos a história da dita “descoberta do Brasil”, precisamos compreender quais os sujeitos formadores e construtores dessa história.

É de fundamental importância estudarmos essa temática relacionada às questões étnico-raciais desde da infância, para vê se conseguimos combater esse preconceito racial, ainda tão presente em nossa sociedade, quando, muitas vezes, ele acontece por falta de informação, de conhecimento. Assim, a escola tem um papel excepcional na formação de todos os sujeitos, independentemente da cor de sua pele, para que sejam capazes de conviver com a diversidade presente em nossa sociedade.

Representatividade trata-se da representação de como somos postos, vistos na sociedade, qual posição ocupamos. A importância da representatividade, em particular da representatividade do povo negro, é algo que requer um olhar mais atencioso, por fazer parte de uma história em que a população negra era tida pela sociedade como inferior.

Através de muitas lutas e resistência, a população negra está conseguindo seu espaço, ainda que lentamente.

Por isso, as crianças descendentes dos povos africanos, precisam se sentir representadas enquanto criança preta, mostrar o papel de protagonismo da ancestralidade negra, mas não apenas retratando o passado, mais ressaltando as conquistas realizadas nos dias atuais, apresentando os diferentes cargos exercidos por pessoas negras, para que elas possam se enxergar enquanto protagonistas de seu próprio destino, que elas possam ir em busca dos seus sonhos, que não somos pré destinados a tal cargo. Não podemos esquecer a influência que os familiares também exercem sobre essas crianças, esse é um ponto a ser trabalhado, porque quando chegamos na escola, não somos como uma folha em branco, carregamos uma bagagem, cheia de sonhos, desejos, perspectiva, bem como nossos costumes e cultura, então o papel da escola é utilizar esse aprendizado que os estudantes já têm para que assim possa dá continuidade à sua formação. Certamente tentar por meio do ensino ampliar esse conhecimento já existente, desconstruir alguns preconceitos que possam existir durante esse processo de ensino aprendizagem.

Quando o *professor 2* fala sobre o fato de algumas crianças não se reconhecerem como quilombolas, como negras, diz muito sobre a formação que receberam antes de ingressar na escola, isso são sequelas de uma história sofrida vividas por nossos ancestrais, é um trabalho

bastante delicado e minucioso: desconstruir esse pensamento preconceituoso em relação a própria história.

Nelson Mandela em sua sabedoria, nos faz refletir com a seguinte frase:

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. (Mandela, 1995, p.08).

Compartilhamos dessa mesma linha de pensamento, acreditando que ninguém nasce com ódio no coração, somos seres puros, que vamos sendo moldados ao longo de nossa vida. A sociedade nos forma de várias maneiras, crescemos com algumas sequelas de histórias mal contadas, verdades ocultadas, a sociedade nos coloca uma venda e nos orienta por onde devemos seguir, mas se libertar dessas amarras não é fácil. Precisamos educar nossas crianças para conviver com a diversidade, respeitando a subjetividade de cada sujeito.

Podemos destacar ainda na fala do *professor 2*, qual a representação, quando se refere ao povo negro, nas novelas, filmes, quais os papéis que lhes é apresentado, na maioria das vezes, são papéis que remetem ao sofrimento e a opressão que sofreram, quando não é isso, é uma empregada que é amante do seu patrão, isso de alguma forma, faz com que o povo negro, muitas vezes não se sintam representados.

Desde cedo vi o tratamento diferenciado que pessoas em cargos de destaque davam a seus semelhantes. Na escola, quantas vezes percebia os professores enaltecerem o esforço de minhas colegas brancas — como eles — de forma afetuosa, enquanto eu ficava sempre às margens, por estar afastada do modelo que eles valorizavam. Minha presença só se fazia notar como exemplo negativo. (Bento, 2022, p.08).

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro. (Bento, 2022, p. 14-15).

A forma como são tratados na escola e nos espaços em que estão inseridos, impacta muito nesse processo de aceitação e auto reconhecimento. As crianças só querem ser tratadas de forma igualitária, não estamos falando de prioriza-las, mas que elas sejam vistas como crianças que são, mas sabemos que querendo ou não, os povos negros carregam uma herança infeliz, que mesmo com todos os discursos levantados a cerca do preconceito, do racismo, não é possível desconstruir o pensamento das pessoas com relação a essa população, é um processo

histórico, que infelizmente vem se arrastando, onde sofrem as consequências até os dias atuais, sem prazo de um fim.

O povo negro não quer o lugar de fala, apenas e tão somente, quando se vai tratar de questões étnico-raciais, queremos lugar de fala em outras pautas também, ou quer dizer que o povo negro, só tem capacidade para falar da negritude, do movimento negro, não é bem assim, somos capazes trazer outras pautas, levantar questionamentos, ter acesso a um espaço de sugestão, tomada de decisões.

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (Ribeiro, 2017, p.37).

Lugar de fala se trata de ter consciência de onde partimos, qual a trajetória do povo ao qual pertencemos. É importante sim que os próprios povos negros possam contar sua versão da história, isso não deve ser retirado, apenas estamos falando sobre a inserção em outras pautas também, podem falar sobre educação, política, economia, entre outras atividades.

A máscara, portanto, suscita muitas questões: por que a boca do sujeito negro deve ser presa? Por que ela ou ele deve ser silenciado? O que poderia dizer o sujeito negro se sua boca não fosse selada? E o que o sujeito branco deveria ouvir? Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que escutar. Ele/ela seria forçado a um confronto desconfortável com as verdades dos “Outros”. Verdades que foram negadas, reprimidas e mantidas em silêncio, como segredos. Eu gosto dessa frase “quieto na medida em que é forçado a”. Essa é uma expressão das pessoas da Diáspora africana que anuncia como alguém está prestes a revelar o que se supõe ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (Kilomba, 2012, p. 20.)

Quando a Grada Kilomba, traz em sua fala a questão da máscara, ela se refere, aquela clássica imagem presente nos livros didáticos, a imagem da escravizada, chamada Anastácia, a qual usa uma máscara pista pelos senhores, para que não viesse a comer, café ou cacau, mas também era uma forma de silenciar aquela mulher, por medo do que poderia acontecer se ela abrisse a boca para falar algo, essa máscara de alguma forma ainda causa bastante impacto na vida do povo negro, um medo de falar, de se posicionar, mesmo sendo o lugar de fala.

Sabemos que muitos foram os avanços com relação aos espaços ocupados por direito pela população negra, mas podemos avançar cada vez mais, com relação a estruturação da sociedade, assim como participaram da construção do país economicamente, pretende-se também contribuir intelectualmente, reconstruir conceitos, atribuir valores e significados.

Adiante, perguntamos aos docentes quais as principais dificuldades que eles encontram para implementação das diretrizes quilombola na escola.

Então, temos algumas dificuldades, relacionado a didática, dos livros didáticos, ou seja, o material didático não colabora para um bom planejamento, não temos ainda um material adequado voltado para essa questão quilombola. Precisa-se de materiais mais elaborados, para auxiliar o processo de aprendizagem. (Professor 1).

É justamente a questão do trabalho em si, se precisa, e se vem buscando melhorias, hoje tá até mais fácil, pois já se encontra com mais facilidade os materiais para ir trabalhar, porque antes era bastante escasso. Hoje em dia no próprio livro tem a história da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, isso é um avanço muito significativo. Porque antes não se via nem no geral, quanto mas direcionado para a própria comunidade, isso foi muito importante. (Professor 2).

Quando se faz o planejamento do município é de uma forma generalizada, das escolas da zona urbana e das escolas rurais, sinto falta de um profissional, pedagogo, especializado e com formação nestas diretrizes para orientar, dá maiores orientações. E ela tem conhecimento das diretrizes. (Professor 3).

Percebe-se que a maior dificuldade é, realmente, a escassez do material didático e a necessidade de formação específica para atuar em uma escola quilombola, embora eles acreditem que muito já foi conquistado. Pois quando os professores, vão participar do planejamento pedagógico do município, o assunto que é abordado nessa reunião, ele não é específico para cada área, como por exemplo: região campesina, região de cidade, trata-se de um mesmo planejamento para ambas, não atendendo assim as especificidades de cada localidade, cabendo ao educador reelaborar a forma de passar os conteúdos, precisando assim, realizar adaptações. Não há uma pauta voltada para a educação quilombola, trazendo questões que possam auxiliar os professores que trabalham nesses territórios, dessa forma os professores passam por muitas dificuldades durante o processo de ensino aprendizagem.

Essas falas nos remetem as informações contidas no documento da CONAE (Conferência Nacional de Educação), que se trata da democratização das questões relacionadas

à educação, onde as pessoas podem deixar sua colaboração em prol da educação Nacional e no artigo 14 da lei nº13.005 de 25 de junho de 2014, relacionado a Educação Escolar Quilombola.

c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo. (Brasil, 2012, p.02)

Art. 14 A Educação Escolar Quilombola deve ser acompanhada pela prática constante de produção e publicação de materiais didáticos e de apoio pedagógico específicos nas diversas áreas de conhecimento, mediante ações colaborativas entre os sistemas de ensino. (Brasil, 2020, p.17).

Não podemos, de forma alguma, culpabilizá-los por essa defasagem presente em nosso sistema de ensino. Querendo ou não ainda há uma dificuldade de entender, que é de fundamental importância que se tenha recursos didáticos específicos suficiente para atender a realidade quilombola. Para que o estudante tenha um ensino significativo voltado para sua realidade, sabemos que não podemos deixar de lado as várias outras temáticas necessárias na formação acadêmica deles, mas que esse ensino possa vir carregado de saberes que possam auxiliá-los durante sua formação, enquanto sujeito quilombola.

Como foi dito pelo professor *número 2*, algumas coisas já foram conquistadas, como: uma matéria relacionada ao quilombo no livro didático utilizado pelos alunos, os paradidáticos disponibilizados pela escola, a interação da própria comunidade com a escola, o que anos atrás não era possível visualizar na escola. Hoje em dia, já se faz um pouco presente essa visualização da comunidade no que diz respeito ao livro didático, não são todos os livros, mas tem um em específico, que é o de língua portuguesa, intitulado de *Ápis Mais* do 5º ano do ensino fundamental, traz uma pequena matéria, que remete a contação de história, em que se retrata um pouco sobre o quilombo Caiana dos Crioulos (figura 3, relacionado a matéria a respeito a comunidade). Nisso pode ser trabalhado em várias séries do ensino fundamental, basta adaptar a forma de passar o conteúdo.

Figura 3 - Matéria presente no livro didático, falando da comunidade quilombola.

Griôs: contadores de histórias

Leia o texto a seguir com um colega. Lembrem-se de ler as legendas de cada foto.

Você já ouviu falar nos **griôs**? Essa palavra indica tipos diferentes de contadores que fazem parte da cultura de muitos países africanos.

Figura muito respeitada, o **gnô** guarda e conta narrativas de seu povo, por meio da música e da poesia transmitindo saberes às novas gerações. As mulheres com essa função são chamadas **griotes**.

Não é por acaso que muitos comparem a morte de um **gnô** ao incêndio de uma biblioteca.



Posse do novo chefe da vila Kokemnoure, André Silga (no centro da foto). Ele escuta a história de sua linhagem contada pelo **gnô** (sentado no chão, à frente). Burkina Faso, 2007.

No Brasil, também há contadores de histórias, sábios e conselheiros como os **gnôs** nos ajudam a preservar a tradição de nossa cultura oral. Existem ações para preservar os **gnôs**, incentivando a transmissão desses conhecimentos.



Contação de histórias na Escola Municipal Firmo Santino da Silva, Comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande, Paraíba, 2012.



Sr. Valentim, **gnô** responsável pela continuidade da tradição oral na comunidade quilombola Campinho da Independência, em Paraty, Rio de Janeiro, 2016.

Você conhece em sua região contadores de histórias que reúnem pessoas à sua volta para dividir narrativas e que tentam preservar os contos orais do lugar?
Resposta pessoal.

195

Griôs: contadores de histórias

As tradições orais e a valorização da memória estão entre os objetos de estudo de História. Esta é uma oportunidade para a abordagem e o desenvolvimento da habilidade de valorizar saberes e vivências culturais de diferentes povos. Além disso, a leitura desses textos informativos também exercita a habilidade de identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social. (Referência: BNCC – EF15LP01)

Tema contemporâneo

A leitura dos textos da seção **Outras linguagens** e da seção **Tecendo saberes** leva à abordagem da **Educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira**, um tema significativo para a convivência harmoniosa entre os povos.

Embora não seja uma matéria grande, mas pelo fato de estar presente nesse livro didático, utilizado no dia a dia pelas crianças e adolescentes da comunidade, já é algo considerado importante para a nossa comunidade, pois esse registro funciona como um documento publicado e que várias pessoas terão acesso e conhecimento sobre a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.

A troca de experiências que os professores que os adquirem durante o processo de ensino aprendizagem, trocando experiências não apenas com os estudantes, mas com os outros professores e todo corpo docente, por de qualquer forma ele vai ter contato com as pessoas nesse ambiente, e conseqüentemente irá aprender muito nessa troca.

Feldmann (2009) destaca o ato de “ensinar e de formar” com características individuais, porém esse envolve um trabalho coletivo. A ação do professor na escola se constrói a partir da relação e ação de outros professores, objetivos do sistema escolar e do projeto político pedagógico. Nesse sentido é necessário que a escola ressignifique seu tempo e espaço, como um ambiente formador de identidades dos sujeitos, de autonomia, formação para o respeito à pluralidade e diversidade, para criticidade e para a cidadania. (Libório; Feldman; Marcolino, 2020, p.6).

É importante compreender que o ensinar se trata de um trabalho coletivo, onde ambos envolvidos trocam experiências, buscando sempre oportunizar aos estudantes uma formação que faça diferença em sua trajetória, enquanto sujeitos protagonistas de suas próprias histórias, sujeitos capazes de respeitar a diversidade presente em nosso país, de levantar questões relevantes para o bem viver em sociedade, não aceitar tudo da forma que está posta, que possam criticar, mas que possam levantar sugestões de melhorias.

Continuando, indagamos nos professores sobre como eles costumam abordar questões étnico-racial em suas aulas.

É bastante discutido sobre as histórias da vivência da comunidade, e como a turma é de pré-adolescentes, às vezes ficam um pouco difícil para eles compreenderem. mas eu costumo abordar assuntos da comunidade, sobre as pessoas da comunidade, e toda oralidade que existe na comunidade, para fazer essa ponte, essa ligação, entre conhecimento e prática de vida, isso acaba causando um impacto maior, é tipo ver e pegar no concreto, conseguir colocar em prática o que estão aprendendo na teoria. Eu trago para minhas aulas instrumentos porque são utilizados em uma roda de capoeira, tal como: pandeiro, agogô e caxixi. (Professor 1).

Através de histórias, eu costuma contar histórias para as crianças, exemplo de uma história, pretinha de neve e os 7 gigantes, menina bonita do laço de fita, a clássica, todos a conhecem. então se inicia com essas historinhas, trazendo uma representatividade. (Professor 2).

Geralmente os livros didáticos trazem textos que permitem fazer essa reflexão, também tem os para didáticos na escola, em então se faz uma roda de conversa, ler o texto, passo a refletir e expõe para os estudantes a necessidade de respeitar as diferenças e também é apresentado as leis que temos sobre o crime de racismo, que diante de qualquer violação em relação

aos direitos tem as leis que asseguram e que não deve ficar impune. (Professor 3).

É interessante observar a forma como cada um aborda a questão étnico-racial em suas turmas, tendo em vista que eles atuam em níveis diferentes de ensino.

Cada turma aborda características específicas e conseqüentemente são necessárias metodologias diferenciadas. O *professor 1*, traz questões relacionadas às vivências da comunidade, abordando a cultura local, o que ele vivencia na comunidade, por ser instrutor de capoeira, apresentando aos estudantes alguns instrumentos utilizados na roda, de modo que os estudantes conseguem fazer uma relação entre a escola e o que vivenciam na comunidade.

A *professora 2*, por atuar no ensino infantil, utiliza recursos mais ilustrativos, por meio de histórias representativas, que trazem um pouco da história dos negros, ajuda os alunos a compreenderem que eles também podem ser protagonistas.

Já a *professora 3*, por atuar nas turmas de nível mais avançado, e por trabalhar na disciplina de português, considera mais simples a adaptação desse conteúdo, fazendo reflexões com relação a questão étnico-racial, utilizando os métodos de trabalho em grupo, contato direto com a comunidade.

Quando perguntamos sobre os recursos ou ações que a escola desenvolve que contribuam para o debate de questões étnico-raciais, eles responderam:

A escola desenvolve um projeto voltado para as questões étnico racial, não só na Consciência Negra, mas durante todo o ano, mostrando um pouco da ancestralidade. (Professor 1).

Poucos recursos, mas tem, é utilizado data show quando se precisa apresentar alguma coisa, trabalho abayomi, que se trata de uma menininha quando eles foram trazidos para cá no porão dos navios, porque eles separaram as mães dos filhos, então as mães rasgavam as próprias roupas e faziam uma bonequinha, ela é feita de pedaços de pano, e se dá pequenos nós, e disso se faz a bonequinha. Então, essa bonequinha é um símbolo de amor, e servia para as mães encontrarem seus filhos depois. (Professor 2).

A escola tem material, e desenvolvem ações também, para que proporcione esse debate de questões étnico raciais, sempre se está focando nisso, antes não, mas agora teve um grande avanço. (Professor 3).

Para os professores número 1 e 3, eles falam que tem a disponibilidade de materiais, por se tratar de turmas mais avançadas, eles conseguem compreender através de leituras e atividades voltadas para o contexto da comunidade quilombola, já a professora número 2, por trabalhar com o ensino infantil, precisa utilizar muito do lúdico, de desenhos, filmes, historinhas que possam trazer essa representatividade preta. Para isso ela utiliza de outros meios. Mas tá posto bem explícito que a escola tem sua contribuição nessa questão dos recursos, de forma ou de outra.

É de muita importância esse envolvimento da escola com a comunidade e o quanto esse trabalho em conjunto se torna mais eficaz, com a participação de toda a comunidade escolar.

Ao desenvolver trabalhos dentro da escola voltados para a valorização da cultura e dos costumes da própria comunidade, fortalecemos a resistência e a luta dessa população que vem ao longo de sua história, sofrendo com a omissão da verdadeira história. O problema de muitas instituições é abordarem aspectos étnico-raciais apenas no 20 de novembro, quando se celebra a Consciência Negra. Essa data deve ser vista como um símbolo de resistência e luta, é preciso que se traga o verdadeiro significado, e que não seja visto apenas nessa data, mas durante o ano, através de projetos e ações que levem os estudantes e a todos participarem e compreenderem o quão importante é, defender a causa dos negros, as causas quilombolas. Esse contexto abarca vários âmbitos, pode ser trabalhado por várias disciplinas.

Vale ressaltar a necessidade de se haver pessoas negras trabalhando na escola, ocupando os espaços, professores, gestores, coordenadores, secretários, não desvalorizando a função dos auxiliares de limpeza ou merendeiras, mas querendo ou não, ainda são menos valorizados, sabendo que o trabalho deles é fundamental para o funcionamento da escola, eles quem cuidam da alimentação e higiene dos estudantes.

Perguntamos sobre os avanços no currículo da escola depois da elaboração do PPP e se este documento contempla as diretrizes da lei 10.639/2003.

Contempla sim, já viemos trabalhando essas questões, por ser novato na instituição, mas durante esses 6 meses, consegui observar que a escola trabalho sobre essa questão, por ser uma escola quilombola, por estar localizada em um Quilombo, ela tem por necessidade trabalhar essa questão, dessa forma ela já vem trabalhando em torno desta lei. a parceria com as universidades, UEPB campus Campina Grande, na pessoa de Jair Silva Ferreira contribuiu, através da doação de quase 100 livros, para compor a

Biblioteca da Mestre Edite do coco, e a UFCG campus Campina Grande-PB, se faz muito importante, por elaborar trabalhos relacionados às vivências quilombola e a escola soma junto ou seja universidade escola somam juntos, para dar um melhor desempenho aos alunos, e isso se faz muito importante para nossa escola para o nosso Quilombo. No caso existe a ligação das 3 escola, comunidade e universidade. Os universitários estão sempre dando suporte, e a escola fica de portas abertas para acolher e isso chega até os alunos então a elaboração do PPP é feita em cima dessa questão. (Professor 1).

Percebe-se que melhorou em relação a alguns anos atrás, mas ainda precisa de muito ajuste, de muito concerto, precisa principalmente de material, e tem a questão de professores, a escola não tem um quadro fixo de professores, começam todos a fazer um trabalho e de repente é preciso mudar de professor, assim quebra o ritmo. Em que vinha trabalhando e precisa adaptar o novato a realidade quilombola. Na verdade, Caiana não é uma escola quilombola, ela é uma escola dentro do Quilombo. Quando se vai trabalhar na reunião pedagógica tudo é no geral, então você precisa acrescentar, você precisa fazer um complemento, uma atividade à parte, porque tudo é para todas as escolas, não é direcionada para a escola quilombola. (Professor 2).

Nos últimos anos, percebi um avanço, no ano passado mesmo 2023, Foi desenvolvido um projeto, onde executaram algumas ações sobre a história e a cultura afro brasileira em específico da comunidade. foi levado pessoas da comunidade para conversar com os alunos, relatar a vivência da comunidade, falar sobre a ancestralidade, como chegaram em Caiana, como desenvolviam a parte da agricultura, Como era a culinária, o artesanato, a importância das ervas medicinais, a questão da religiosidade, das rezadeira, a dança ciranda e coco de roda, a capoeira. então tudo isso foi bem trabalhado, os estudantes pesquisaram, em entrevistaram outras pessoas da comunidade, procurando saber como era a vida deles, como eles viviam, como chegaram até ali, como viviam seus ancestrais. foi praticamente o mês de novembro com esses trabalhos, e no final foi feito a culminância, foi bastante interessante. (Professor 3).

Para os entrevistados muito se avançou ao longo dos anos. A busca por mais conhecimento com relação a educação quilombola, a elaboração do PPP (Projeto Político Pedagógico). É preciso ressaltar a importância de um PPP para a escola, ele é o que rege o funcionamento de qualquer escola, nele há várias informações sobre a instituição e sobre o que ela pretende deixar explícito a ideia central de como se organiza a escola, e cada uma em particular precisa atender as suas especificidades, buscando assim aprimorar cada vez mais o ensino, é um projeto aberto a modificações de acordo com as diretrizes e as necessidades presentes no contexto escolar.

Para o *professor 1*, as parcerias que se estabelecem entre as instituições de ensino superior e a escola são muito importantes, porque as pesquisas deles são necessárias para a população negra, por se tratar de pesquisas científicas, elas têm uma relevância significativa, funcionam como um registro para aqueles que buscam conhecer a comunidade quilombola, não se trata apenas de pesquisas realizadas, apenas por dados quantitativos, que está relacionada a números, mas dados qualitativos, havendo essa inserção, essa aproximação com a comunidade, ouvindo o que eles têm a dizer sobre sua própria história, concedendo voz aos verdadeiros protagonistas, de modo em específico para a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, sabendo da relevância que são, os registros da história e cultura da mesma. Saber que o PPP da escola auxilia e dá a possibilidade de se trabalhar essas questões étnico-raciais.

O *professor 2*, traz o relato da necessidade de um quadro fixo de professores, que possam iniciar e continuar os trabalhos de forma que não venha a quebrar o ritmo do processo de formação deles, o esforço que cada um faz para conseguir adaptar os conteúdos, trabalhando em conjunto uns com os outros, unindo as experiências, já que a formação original não possibilita essa formação em específico.

Em Caiana dos Crioulos, frequentemente se contratam profissionais de fora da comunidade, apesar de ali haver pessoas capacitadas. Essa é uma das pautas da comunidade, em suas lutas, para que sejam efetivadas políticas públicas que visibilizem esses profissionais e lhes deem oportunidades de mostrar seus talentos. (Lima, p.126, 2021).

Esse é um ponto que deve ser levado em conta, quando se pensa na Educação Escolar Quilombola, pensar em profissionais que fazem parte da realidade da comunidade. Sabemos da necessidade de uma formação acadêmica de nível superior para esses sujeitos formadores, dessa forma é necessário instigar nesses sujeitos o desejo dessa formação, e o retorno para as respectivas comunidades, para que assim possam colocar em prática sua formação, de uma maneira significativa para esses sujeitos quilombolas.

O *professor 3*, esse relato apresentado, só enriqueceu nossa pesquisa, o quanto ele representa para o povo dessa comunidade, essa ligação entre escola comunidade, justamente como deveria ser, vivenciado na prática escolar, introduzir os estudantes quilombolas e não quilombolas nesse contexto, mostrando o a versão contada pelos próprios moradores da comunidade, trazendo a cultura de uma maneira geral, abrangendo vários aspectos, desde a economia, religião, até a própria constituição da comunidade, a sensibilidade do professor ao abordar dessa maneira o conteúdo, porque ela poderia simplesmente, passar alguma atividade relacionada a comunidade, mas de acordo apenas com pesquisas feitas na Internet, mas ao invés disso, ela fez a junção das informações contidas na Internet e a versão relatada pelos próprios moradores, muito relevante e aplausivo essa iniciativa.

Com relação a escola ser quilombola, o PPP da própria escola, vem afirmar que:

Conhecer e refletir acerca da realidade da comunidade onde a escola está inserida é um passo importante na construção do PPP e contribui no desenvolvimento do trabalho pedagógico da escola. Na prática desse exercício já há algum tempo; professores (as) e gestores (as) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva identificaram no acervo cultural afro-brasileiro da comunidade uma questão importante a ser trabalhada pela gestão escolar, sobretudo, porque essa escola é reconhecida e cadastrada junto ao MEC como escola quilombola. (PPP, 2012, p. N.P).

De acordo com o que foi analisado, procuramos compreender quais os critérios necessários para uma escola ser considerada, uma escola quilombola, quais os pré-requisitos que ela precisa ter para se encaixar nesse perfil, podemos destacar através da resolução CEB /CNE nº 8/2012, os seguintes critérios.

[...]Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.
§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:
I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando se:
a) da memória coletiva;
b) das línguas reminiscentes;
c) dos marcos civilizatórios;
d) das práticas culturais;
e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
f) dos acervos e repertórios orais;
g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
h) da territorialidade.(Brasil, p.13-14, 2020).

De acordo com o que está posto nas diretrizes para uma Educação Escolar Quilombola, analisando cada ponto, consideramos que a memória coletiva da comunidade é vivenciada na escola quando os professores tomam a iniciativa de trazer um idoso da comunidade para relatar as histórias, de como viviam e como chegaram a comunidade.

Com relação a linguagem, Caiana não tem outra além do português, mas é discutido, em sala de aula, a questão da oralidade e os dialetos locais. Quanto aos marcos civilizatórios, podemos citar o fato de que, no ano de 2020, a Comunidade quilombola Caiana dos Crioulos recebeu seu título de posse. Nesse período alguns professores apresentaram aos seus alunos, em uma visita a um local conhecido pela comunidade apenas como *fazenda*, em que alguns negros foram escravizados. Durante a visita os alunos puderam observar resquícios dos tempos de escravidão, segundo o relato de alguns estudantes durante conversa informal.

Em relação às práticas culturais, é possível perceber a valorização da cultura local no ambiente escolar, através dos eventos que ocorrem na escola, onde são apresentadas a dança, ciranda, coco de roda, manifestações típicas da comunidade.

Sobre as tecnologias e formas de produção de trabalho, verificamos através de observações na fala dos entrevistados que os professores, eventualmente, realizam aulas de campo pelo território da comunidade apresentando, por exemplo, a casa de farinha, que é onde as pessoas se reúnem para compartilhar histórias enquanto realizam a raspagem da mandioca, mostrando as ferramentas utilizadas nesse processo.

No que se refere ao acervo, os professores costumam levar os estudantes para conhecer as gravuras rupestres presente no chamado Pedra do Reino Encantado. Trata-se de local na comunidade de difícil acesso, localizado a cerca de 2,5 km aproximadamente da parte central da comunidade. Está localizado na mata, onde passa um riacho, em que as mulheres antigamente lavavam roupas, tiravam lenha e ração para os animais.

As pessoas mais idosas da comunidade, relatam que o local é mal-assombrado, que aparece coisas do tipo: ouro em cima da Rocha, lençol branco, relatam ter visto um guardião na entrada do local. Enquanto os pais lavavam roupa, as crianças ficavam brincando, e nessa brincadeira juntaram a areia e ficaram desenhando, e quando batiam na areia, fazia um barulho parecendo um tambor, mas como eram crianças não se atentaram a isso, também foram vistos indígenas nesse local, fato esse que coincide com a 5ª hipótese do surgimento da comunidade segundo relato do morador, essa coincidência me fez realmente refletir.

Quem desvendou o que está escrito na rocha, ela se transforma em uma grande cidade, onde a pessoa que descobriu passará alguns dias sem ter notícia de sua família, fato curioso é que só pode ser desvendado por uma pessoa, mas ao tentar desvendá-la irá aparecer várias coisas,

impedindo a pessoa de seguir adiante, dessa forma a pessoa tem medo e vai embora, nos deixando essa incógnita.

Figura 4 - Vista da Pedra do Reino Encantado



Figura 5 - Gravuras rupestres na Pedra do Reino Encantado.



(Fonte: Arquivo pessoal de Luciene Tavares 2021)

É possível identificar, através das entrevistas com os professores, nas conversas informais com estudantes e na observação das práticas educacionais estabelecidas pela escola, que há um trabalho em conjunto, buscando o fortalecimento da cultura local, e que os professores são conscientes do quanto essas práticas acrescentam na formação pessoal e social dos estudantes.

Ao analisarmos atentamente o que foi posto pelos professores, fomos em busca de fontes e referências que pudessem nos auxiliar nesse processo de busca, procurando respostas para essa questão, e o que conseguimos perceber perante as referências encontradas, podemos compreender que a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos possui os critérios posto pela CNE(Conferência Nacional de Educação), para se conformar uma escola quilombola, respeitando a trajetória de cada sujeito formador desse território. Mas para ser realmente em sua totalidade precisaria de uma formação para professores, na área específica no que diz respeito à educação escolar quilombola, uma formação continuada, com profissionais entendedores do assunto, para melhor instruir os professores nesse processo educativo.

Consideramos relevante, trazer algumas leis e decretos que asseguram esse ensino, voltado para a Educação Escolar Quilombola, sabendo que existem causas legais que asseguram a esses sujeitos pertencentes às comunidades remanescentes quilombolas o direito à uma educação de qualidade, que possa valorizar e respeitar as origens desses sujeitos quilombolas. Mesmo sabendo da defasagem que nosso sistema de ensino apresenta, onde muitas das vezes as leis não são postas realmente em prática, ficando assim, apenas no papel. Mas a luta por melhorias e igualdade é constante, há sempre o que melhorar, o que acrescentar, para atender as demandas exigidas por nossa sociedade, lutando para que o ensino não seja generalizado, mas que esse ensino possa atender as especificidades de cada localidade, para que os sujeitos que estão sendo formados possam participar e se sentir parte desse processo de ensino.

- **Lei nº 7.668, de 22 de agosto de 1988:** autoriza o Poder Executivo a constituir a Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura, com a finalidade de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira;
- **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:** estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), artigo 3º, com base no seguinte princípio: inciso XII -consideração com a diversidade étnico-racial;
- **Decreto no 4.887, de 20 de novembro de 2003:** que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, considerando que o território é uma referência fundamental para a estruturação da Educação Escolar Quilombola;

- **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007:** institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;
- **Decreto nº 6.261, de 20 de novembro de 2007:** dispõe sobre a gestão integrada para o desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola e institui o Comitê de Gestão da Agenda Social Quilombola, por meio deste Programa;
- **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010:** institui o Estatuto da Igualdade Racial, cuja finalidade é “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (artigo 1º) (Brasil, 2020, p.07).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola investigada tem por objetivo trazer em seu currículo, uma educação quilombola, voltada para a Valorização da cultura, e os conteúdos desenvolvidos em sala, precisam fazer referência às diretrizes que abarcam essa temática étnico-racial, para que os estudantes se sintam parte desse processo de inclusão.

A *professora 3*, traz em sua experiência, um trabalho, muito importante para a comunidade em questão, porque instiga os estudantes a irem em busca de sua ancestralidade, da história contada pelos próprios moradores da comunidade, entendendo a versão deles, e o mais importante, a socialização com o grupo escolar.

Finalmente, perguntamos se os professores tiveram formação específica ou continuada para abordar questões étnico-racial.

Fiz um curso de formação continuada, não foi muito longo, mas deu uma bagagem, para manter isso em sala de aula. Funcionou como uma base, um suporte, para saber como abordar essa questão na sala de aula é na própria vivência na sala de aula. (Professor 1).

Não se tem. Foi apenas uma época em que a prefeitura fez uma turma, e vinham professores da universidade, um pequeno curso direcionado para as questões étnico-raciais, mas foi uma única vez e depois ninguém mas se preocupou com isso. (Professor 2).

Não tenho formação específica, mas já fiz alguns mini cursos, e estou sempre lendo, pesquisando e procurando inserir essas questões nas aulas que ministra, nos planejamentos. Estou sempre aberta para com os esclarecimentos étnico raciais com os alunos, mostrando para eles a importância da história e da cultura afro-brasileira e africana, na formação do nosso povo. Antigamente a visão dos livros didáticos eram só eurocêntrica e é deixado bem claro que as 3 etnias, as 3 raças, o branco, o negro e o

Indígena, tiveram fundamental importância na formação do povo brasileiro, principalmente destacando os africanos. (Professor 3).

De modo geral, nenhum dos 3 professores tiveram a oportunidade de formação específica, por ausência da temática mesmo em suas de formação inicial, cabendo-lhes ir em busca por conta própria: pesquisando, buscando alguns cursos que os possibilitem aprofundar esse conteúdo. A CONAE (Conferência Nacional de Educação), junto à elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola traz em sua letra c da portaria CNE (Conferência Nacional de Educação) e CEB (Conferência de Educação Básica) nº 5/2010, a seguinte questão:

c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo. (Brasil, p.2, 2012).

Dessa maneira de acordo com CONAE (Conferência Nacional de Educação), instituição responsável por gerir de forma democrática as opiniões e sugestões em torno da educação. É preciso que se promova formação específica para atender as demandas exigidas para se enquadrar no que diz as diretrizes sobre a Educação Escolar Quilombola, pelas análises que fizemos dos professores, conseguimos perceber a dificuldade com falta de formação adequada e de materiais didáticos em uma quantidade satisfatória, esses são fatores que, de alguma forma, dificulta o trabalho do professor em sala de aula, conseqüentemente esses fatores acabam prejudicando o desenvolvimento e o interesse dos estudantes.

O dilema de ontem ainda é o de hoje: como fazer com que leis tão progressistas se realizem na prática? Atualmente, contamos com muito mais controles sociais que os africanos e abolicionistas brasileiros do início do século XIX. As organizações populares, os meios de comunicação e um governo formalmente, comprometido com a democracia fazem com que as pressões para a realização dos direitos quilombolas sejam muito maiores hoje. Mas ainda assim, vivemos uma situação de insegurança de direitos, isto é, uma situação, na qual, não temos certeza de que tais direitos serão efetivados (Arruti, 2008, p. 21).

Contamos com leis que comumente são postas a prova em nosso dia a dia, nas práticas escolares, mas não podemos nos deter apenas ao que vem faltando, mas enaltecer o quanto se foi conquistado, através de muitos esforços, sejam eles coletivos ou individuais. A busca por melhorias sem dúvidas nenhuma, não pode parar, precisamos lutar para que nossos direitos sejam realmente efetivadas na prática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante tudo que abordamos nessa pesquisa, podemos perceber o quanto se faz necessário esse estudo na comunidade, essa busca por compreender como se dá o processo educacional, tendo como objetivo a valorização da cultura do quilombo Caiana dos Crioulos, bem como investigar o processo de formação dos professores. Precisamos destacar também as práticas da Educação Escolar Quilombola e o quanto as mesmas podem contribuir com uma sociedade que saiba conviver com a diversidade existente em nosso país, reconhecendo a importância de todas as culturas na formação do mesmo.

A questão da representatividade preta, se colocar no papel de protagonistas, sujeitos capazes de trilhar seu próprio caminho, que esse protagonismo possa lhes trazer autonomia necessária para a libertação de muitas amarras presentes nas narrativas da população preta, não sendo vistos como sujeitos inferiores, desvalorizados. Que as conquistas realizadas pelos antepassados possam perpetuar durante gerações, para que sirvam de exemplo, e continuando na luta em busca de melhorias e reconhecimento de uma trajetória trilhada com muito esforço e luta, resistindo sempre que necessário.

É possível compreender o quanto a cultura é valiosa para a comunidade e a preservação dela deve acontecer em todos os âmbitos, essa vivência entre escola e comunidade é de suma importância, dessa forma é necessário que se invista no processo formador dos professores, para que assim consigam efetivar de forma adequada essa educação tão significativa para a comunidade e conseqüentemente para a sociedade.

Através das entrevistas realizadas com os 3 professores, é possível perceber que, mesmo a professora da região de cidade, ser uma mulher branca e não quilombola, é bastante engajada nas questões étnico-raciais, e desenvolve um trabalho que potencializa essa valorização da cultura, através da consciência que ela tem, ao estar imersa em uma escola quilombola.

O trabalho dos 3 entrevistados é de fundamental importância, pois cada um atende a uma faixa etária, dividida em educação infantil, o ensino fundamental anos iniciais e o ensino fundamental anos finais.

Concluimos que a lei 10.639/2003, é trabalhada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, com algumas dificuldades pela escassez de materiais didáticos, mas a escola e os professores desenvolvem um trabalho relevante para que ocorra, de fato, a efetivação dessa lei, bem como o PPP da escola contempla esse aspecto, sendo especialmente voltado às questões étnico-raciais.

Percebemos que o que falta para auxiliar os professores ainda mas é a formação específica, uma formação continuada, que com certeza iria facilitar seu trabalho e eles iriam contribuir ainda mas para a formação desses sujeitos quilombolas.

REFERÊNCIAS

- AIRES, José Luciano de Queiroz (org.). **Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos: Alagoa Grande-PB**. Editora do CCTA, João Pessoa, 2022.
- ARRUTI, M. P. **Mundos de quilombos: Territórios étnicos, territórios de mediação**. Rio de Janeiro: Palmas, 2008.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**, 1. ed. – São Paulo: companhia das letras, 2022.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. Cita Grada Kilomba no texto.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação; Brasília-DF;2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. DF, 5 de janeiro de 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Nacionais Operacionais para garantia da qualidade das escolas quilombolas**. DF, 10 de dezembro de 2020.
- BRASIL. Lei nº 10.639/ 2003. **Que estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.
- BRIGHENTE, Mirian Furlan; PERI, Mesquita. **Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora**. 2016.
- CONCEIÇÃO, L. I. da. **Educação Escolar Quilombola: Um olhar sobre a implementação das diretrizes da educação quilombola e suas implicações no currículo da E.M.E.F. Firmo Santino da Silva- Caiana dos Crioulos-PB**. Guarabira-PB, 2015. Editora UEPB.
- DIANA, Daniela. **Cultura: o que é, características, elementos e tipos**. Toda matéria, [s.d]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>. Acesso em: 13 de novembro de 2023.
- GOMES, N. L; JESUS, R. E. de. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa**. Educar em revista, Curitiba, Brasil,n.47, p.22, 2013. Editora UFPR.
- LIBÓRIO, Andréia Regina Silva Cabral; FELDMANN, Maria Graziela; MARCOLINO, Maria Aparecida Custódio. **A presença da Educação Escolar Quilombola no currículo de formação de professores**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.
- LIMA, Luciene Tavares da Silva. **Memória e saberes de Caiana dos Crioulos na formação de professores: Modos e formas de aprender na Educação Escolar Quilombola**: UEPB Campina Grande, 2021.

MANDELA, Nelson- citado em: SILVA, Aínda M. M. Apresentação. In: SILVA, Aínda M. M.; TURIBA, Léa (org.). **Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a educação em direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2015, p.08).

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. **“Remanescentes das comunidades dos quilombos”:** **Memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação**. Goiânia, V.7, n.1/2, p.265-288, 2009. Habitus.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social**. 21 edição. Petrópolis: vozes, 2002.

TRINCONI, Ana. **Ápis Mais: Língua Portuguesa: 5º ano/ Ana Trinconi, Terezinha Bertin, Vera Marchezi**. – 1. ed. – São Paulo: Editora Ática S.A., 2021.

PEDAGÓGICO, Projeto Político. **Estado da Paraíba, Prefeitura Municipal de Alagoa Grande, Secretaria Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva. Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-** CEP: 58.388-000, lei municipal 707/2001- INEP: 25117130, CNPJ: 05.100.472/0001-30, 2021, p. N.P.

SCHWARTZ, Stuart B. **Tamanhos, negros da terra e Curibocas: Causas comuns e confrontos entre negros e indígenas**. Afro-Ásia, 2003.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-PBCENTRO DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

CURSO: LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ESTUDANTE: DAIANE SILVA LIMA

TEMA: A IMPORTÂNCIA DE APRENDER A HISTÓRIA E CULTURA DA
COMUNIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: Um estudo na Escola Municipal
Firmo Santino da Silva da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de atuação:

Tempo de atuação na comunidade:

- 1- Sua formação acadêmica original, oportunizou um preparo para atuar numa escola quilombola?
- 2- Você conhece a lei 10.639/2003? Se sim, do que se trata?
- 3- Quais as principais dificuldades que vocês encontram para implementação das diretrizes quilombola na escola? Vocês têm conhecimentos das diretrizes?
- 4- Como você costuma abordar questões étnico-racial em suas aulas?

5- A escola tem recursos ou desenvolve ações que contribuem para o debate de questões étnico-raciais?

6-Quais os avanços no currículo da escola depois da elaboração do PPP? O PPP contempla as diretrizes da lei 10.639/2003?

7- Você tem formação específica ou continuada para abordar questões étnico-raciais?